

Da figuração à narração abstrata

Anterioridade / atualidade

O trabalho atual continua o desenvolvido anteriormente sobre a paisagem, a das montanhas de Minas Gerais, do qual ele nasceu. A partir do momento em que me vi em Paris, essa paisagem se afastou progressivamente de minha lembrança e a ela se seguiu o abandono da figuração como tal. Situei-me, então, não mais no registro de uma pintura que fosse a transposição para a tela de um acontecimento exterior ou interior a mim mesmo, e sim em uma pintura em relação absoluta com o próprio ato de pintar.

Desenho, pratica paralela

Para não romper com a prática do desenho, continuo a trabalhar com o suporte colocado na horizontal, mas essa prática gráfica é essencialmente outra.

Tempo / narração

O tempo intervém no gesto de pintar como fator de criação. Após definir sucessivos espaços quadrados, desenvolvo neles uma “narração” propriamente pictórica: a da extensão progressiva da pintura/cor, em sua transformação a ocupar gradativamente os diferentes espaços.

Pintura

O trabalho fala do modo como foi feito. Compro telas não preparadas (um material liso e bruto, sem qualquer preparo), que pinto pelo reverso. Pintar a tela no verso faz com que o avesso passe a ser o lugar do discurso - tema, ou seja, que o processo de fabricação, desnudado em si, torne-se o tema da tela finalmente fixada no chassi.

Pintura / Cor

Algumas telas têm uma densidade que outras não tem no que diz respeito à transparência das misturas das tintas, uma vez que estas são trabalhadas pelo tecido. A pintura em si é que constitui a obra, servindo a tela unicamente como filtro. Produz-se, assim, uma inversão em relação à superfície, pois a pintura, que se esconde, deixa transparecer seus vestígios.

Manfredo de Souza Netto
Paris, março 1978